

Marcos 13:32 e a Suposta
Ignorância de Cristo:

Quatro Soluções Patrísticas



Francis X. Gumerlock

Escatologia como você nunca viu...

Fim dos tempos

Últimos dias

Fim do Mundo

Preterismo

Volta de Jesus

Profecia

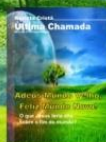
Arrebatamento

Escatologia em geral

Apocalipse

Você encontra no mais completo portal sobre preterismo parcial e pós-milenista...

Revista Cristã
Última Chamada



www.revistacrista.org

Marcos 13:32 e a Suposta Ignorância de Cristo: **Quatro** **Soluções Patrísticas**

Francis X. Gumerlock

Tradução e adaptação textual
por César Francisco Raymundo

Revista Cristã _____
Última Chamada

Título original em inglês:

Mark 13:32 and Christ's Supposed Ignorance:

Four Patristic Solutions

By Francis X. Gumerlock

Trinity Journal 28 (2007):205-213

**Este artigo está disponível gratuitamente para download, em inglês,
no site de Francis X. Gumerlock.**

Site: www.francisgumerlock.com/

Acessado Terça-feira, 18 de Abril de 2017

Visando a divulgação do Preterismo e do Pós-milenismo, para a Glória de Deus,
a *Revista Cristã Última Chamada* publica com design e profissionalismo artigos
ou e-books disponíveis em outros sites para que venham edificar aos irmãos em Cristo.

Revista Cristã Última Chamada publicada
com a devida autorização e com todos os
direitos reservados no Escritório de Direitos
Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de
Janeiro sob nº 236.908.

Editor

César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br

Site: www.revistacrista.org

Londrina, Paraná,

Abril de 2017.

Índice

Sobre o autor.....	06
Apresentação.....	07
Marcos 13:32 e a Suposta Ignorância de Cristo: Quatro Soluções Patrísticas.....	08
O Problema da Suposta Ignorância de Cristo.....	08
A Solução Filológica.....	09
A Solução das Duas Figuras de Discurso Agostinho: saber é revelar.....	11
Gregório de Tours: O "Filho" é uma Metáfora da Igreja.....	12
A Solução Antropológica de Atanásio.....	14
Opções Exegéticas de Fontes da Patrística.....	18
Conclusão.....	19
Bibliografia.....	19
Obras importantes para pesquisa.....	24

Sobre o autor



Francis X. "Frank" Gumerlock - Ph.D.

Universidade de Saint Louis, Teologia Histórica e ensina o latim no Colorado. Seus interesses de pesquisa incluem a teologia da graça e a escatologia na história cristã.

Seus escritos incluem: *The Day and the Hour, The Seven Seals of the Apocalypse, Revelation and the First Century, Early Latin Commentaries on the Apocalypse and Gottschalk & A Medieval Predestination Controversy* .

Apresentação

A ideia de Cristo não saber o dia e a hora de Seu retorno tem intrigado muita gente. Sendo Ele Deus, como poderia não ter conhecimento sobre tal evento? Várias tentativas foram feitas para tentar explicar esse mistério, desde a negação de sua Divindade até a deformação da explicação sobre Sua natureza humana. Embora tudo se explique no fato de que “*grande é o mistério da piedade: Deus se manifestou em carne...*” (1ª Timóteo 3:16), todavia, podemos sim tentar entender e explicar alguma coisa sobre essa aparente “ignorância” de Cristo.

Mais uma vez, o autor Francis X. Gumerlock, em seus profundos estudos da antiguidade dos pais da igreja, nos traz um profundo estudo de quatro importantes pais da igreja, que nos abrirá grandemente o entendimento.

Boa leitura!

César Francisco Raymundo
Editor da
Revista Cristã
Última Chamada

Marcos 13:32 e a Suposta Ignorância de Cristo: Quatro Soluções Patrísticas¹

O Problema da Suposta Ignorância de Cristo

Referindo-se ao tempo de Sua Segunda Vinda,* está registrado Jesus dizendo:

““Mas daquele dia ou hora, ninguém sabe, nem mesmo os anjos no céu, nem o Filho, senão o Pai *somente*”.

(Marcos 13:32, NASB)

A palavra *somente* está em itálico porque foi fornecida pelo tradutor. Os pais da igreja derramaram muita tinta explicando esta declaração do Senhor, mais frequentemente devido à sua importância em relação à cristologia.² Essa passagem apresenta Cristo como ignorante, os Arianos da igreja primitiva, que negaram que o Filho fosse consubstancial com o Pai, a usaram como texto-prova para a sua crença em um menos-que-divino Filho de Deus.³ Por outro lado, aqueles que se apegavam à ortodoxia Nicênia**

Nota do tradutor:

* Entre os preteristas existe uma pequenina discordância se Cristo não sabia sobre Sua Segunda Vinda, ou se apenas não sabia sobre Sua vinda em juízo contra Jerusalém que ocorreu no ano 70 d.C. Esta última é a interpretação mais certa de acordo com o contexto do Sermão Profético de Mateus 24, Marcos 13 e Lucas 21.

** Nicênia – é uma referência ao Concílio de Nicéia realizado no 325 d.C.

e acreditavam que Jesus era plenamente Deus e possuía todos os atributos da divindade, incluindo onisciência, responderam aos Arianos com Colossenses 3:2:

“Nele estão todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento”.

Os adeptos da ortodoxia Nicênia, além de afirmar a onisciência de Cristo, também tiveram que fazer sentido fora de Marcos 13:32, que parecia ensinar que Jesus era ignorante de pelo menos um detalhe relativo ao futuro, isto é, o tempo de Seu retorno. Para resolver o problema e dilema teológico do Filho onisciente de Deus, que não conhecia o tempo da Segunda Vinda, os pais da igreja propuseram uma variedade de explicações. Este artigo apresenta e avalia quatro de suas soluções - a solução filológica de Basílio de Cesaréia, duas soluções de “figuras de fala” oferecidas por Agostinho de Hipona e Gregório de Tours respectivamente, e a solução antropológica de Atanásio de Alexandria.

A Solução Filológica

No século IV, Basílio de Cesaréia (379 d.C.) ofereceu uma solução filológica para o problema. Ele argumentou que as palavras gregas em Marcos 13:32 não ensinam que o Filho era ignorante. Ele observou que uma tradução literal, palavra por palavra do verso, diz:

“Mas daquele dia ou da hora ninguém sabe, nem os anjos no céu, nem o Filho, se não [*ei me*] o Pai”.

A partir desta filologia, Basílio argumentou que Jesus estava dizendo:

“Se eu não fosse um com o Pai, nem eu saberia o tempo de minha Segunda Vinda”.

Basílio comentou:

“Mas o dito de Marcos... entendemos desta maneira: que ninguém sabe, nem os anjos de Deus, mas nem mesmo o Filho

teria conhecido, a menos que o Pai tivesse conhecido, isto é, a causa do conhecimento do Filho é do Pai”.⁴

Segundo esta interpretação, Marcos 13:32 não é uma declaração sobre a ignorância do Senhor, mas o oposto. É uma declaração sobre a divindade e onisciência de Cristo.

O argumento de Basílio tem várias qualidades positivas. Em primeiro lugar, baseia-se no próprio texto grego. **Ei me** em grego pode significar “*se não*”.⁵ Na verdade, as palavras **ei** e **me** são muitas vezes traduzidas “*se*” e “*não*”, como nas traduções da NASB* e da NIV* de João 9:33 que tanto se lê:

“**Se** este homem **não** fosse de Deus, Ele não poderia fazer nada”.
(o grifo é meu)

A interpretação de Basílio também apaga completamente o problema da suposta ignorância de Cristo. Por outro lado, a interpretação de Basílio tem o problema das palavras **Pater monos** (o Pai sozinho) no paralelo sinótico de Mateus 24:36:

“Mas daquele dia ou hora ninguém sabe, nem os anjos do céu, nem o Filho, mas somente o Pai”.

Basílio explica isso dizendo que a frase “*somente o Pai*” é usada em contraste com os anjos, não em contraste com o Filho.⁶ Em outras palavras, de acordo com Basílio, o contraste na passagem não é: os seres humanos, anjos, e o Filho não sabem; *e somente* o Pai sabe. Pelo contrário, é: humanos e anjos não sabem; o Filho e o Pai fazem conhecer. Embora a compreensão de Basílio sobre a passagem brote da linguagem do próprio texto bíblico, parece-me que ele está forçando um pressuposto teológico no texto bíblico por razões polêmicas, ao invés de aceitar a “leitura natural” do texto.

Nota do tradutor:

* NASB e NVI são versões em inglês da Bíblia que o autor usou.

A Solução das Duas Figuras de Discurso Agostinho: saber é revelar

Vários autores patrísticos tentaram resolver o problema da suposta ignorância dizendo que Jesus estava falando figurativamente quando Ele disse que o Filho não sabe o tempo da Segunda Vinda. Agostinho de Hipona (430 d.C.), por exemplo, escreveu que muitas vezes nas Escrituras a declaração “*Deus sabe*” significa “*Deus revela*”. Quando diz em Marcos 13:32 que o Filho não sabe o dia ou a hora, de acordo com Agostinho, isso realmente significa que o Filho não revela o dia ou a hora.

Para apoio, Agostinho deu o exemplo de Gênesis 22:12, onde Deus disse para Abraão depois de sua prova de obediência ao sacrificar Isaque: “*Agora sei que temes a Deus*”. Na verdade, argumentou Agostinho, o Deus onisciente não aumentou em conhecimento. Era uma *forma* figurativa de dizer: “*Agora é revelado que você teme a Mim*”. Agostinho citou Deuteronômio 13:3 como outro exemplo bíblico desse tipo de figura de linguagem. Aqui Moisés disse que Deus testaria o amor de Seu povo por meio de falsos profetas. Ele escreveu:

“Porque o Senhor vosso Deus vos prova, para que Ele saiba se você ama o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração e de toda a tua alma”.

Segundo Agostinho, a frase “*para que Ele saiba*” não significa que Deus aumentaria em conhecimento uma vez que os israelitas foram testados, mas que naquele tempo seria revelado se as *filhos* de Israel amou a Deus.⁷

Essas referências cruzadas ajudam a dar peso à interpretação de Agostinho. Além disso, a interpretação de Agostinho coincide bem com o contexto em que Marcos 13:32 foi encontrado. O ponto principal da seção do Discurso das Oliveiras em que a passagem é para alertar os seres humanos a estarem prontos o tempo todo,

porque o dia e a hora não foi revelado. As palavras de Jesus sobre as pessoas sendo ignoradas no dilúvio de Noé, e as parábolas de Cristo do servo fiel, as dez virgens e os talentos, todas ensinam isso (Mateus 24:37; 25:30).

A visão de Agostinho também tem problemas. Se sua definição de “*não saber*” como “*não revelação*” é aplicada ao longo de todo o versículo, o significado da passagem muda significativamente do que Agostinho afirmou que significava, pois as passagens das Escrituras não só dizem que o Filho não sabe o dia ou a hora de Sua vinda; Ele também diz que os humanos e os anjos não conhecem. Quando, portanto, a definição de “*não saber*” como “*não revelando*” é aplicado em todo o verso, o significado se torna:

“Mas daquele dia ou hora, a ninguém, por exemplo, o Profeta, revelou, nem os anjos no céu o revelaram, nem o Filho o revelou, mas somente o Pai o revelará em Seu bom tempo”.

Enquanto isso a interpretação é consistente com a teologia do Novo Testamento como um todo, isto é, com outras passagens que falam da vinda de Cristo como um ladrão na noite e de seu tempo escondido pela autoridade do Pai (1ª Tessalonicenses 5:2, Apocalipse 3:3, Atos 1:7), tenho dúvidas sobre se a leitura de Agostinho da passagem é realmente o que Jesus quis dizer quando pregou isto.

Gregório de Tours: O "Filho" é uma Metáfora da Igreja

Outra interpretação da “figura do discurso” é encontrada na escrita de Gregório de Tours (594 d.C.). Ele disse que as palavras “*Filho*” e “*Pai*” em Marcos 13:32 não estão falando das Pessoas da Trindade, mas são figuras da igreja e de Cristo. Como essas palavras não representam o Pai e o Filho, em sua visão a passagem seria lida sem as palavras “*Pai*” e “*Filho*” e capitalizariam:

“Mas daquele dia ou hora, ninguém sabe, nem os anjos no céu, nem o Filho, mas apenas o Pai”. Para Gregório, a igreja, composta

pelos filhos adotivos de Cristo e designados pela palavra “Filho”, não sabe o tempo da Segunda Vinda do Senhor. O designado pela palavra “Pai” é Jesus, o Senhor e Juiz presidente do Juízo Final; e Ele conhece seu tempo.⁸

Em suporte, Gregório e outros citam referências bíblicas cruzadas nas quais a relação entre Cristo e Seu povo é apresentada figurativamente como um pai e *suas* crianças. Por exemplo, em João 13:33, Jesus disse: “*Filhinhos, ainda por um pouco estou convosco*”, de modo semelhante, Hebreus 2:13 diz a Cristo: “*Eis-me aqui a mim, e aos filhos que Deus me deu*”.⁹ Uma força da interpretação de Gregório é que no Discurso do Monte das Oliveiras Jesus usou outras relações para simbolicamente representar Sua relação com Seus seguidores, figuras como noivo/virgem (Mateus 25:1-13), mestre/servo (Mateus 25:14-30), e ladrão/servo (Mateus 24:43-51). Portanto, seria retoricamente consistente que Jesus também empregasse imagens relacionais pai/filho no discurso. Em segundo lugar, hoje em dia a primeira letra do *Pai* e do *Filho* empregamos em letras maiúsculas se estamos falando das pessoas da Trindade, e empregamos *letras minúsculas* se usarmos os termos pai e filho como substantivos comuns, embora todos os manuscritos originais do Novo Testamento grego foram provavelmente escritos em letras maiúsculas. Portanto, não há nada na ortografia que exija que as Pessoas da Trindade sejam compreendidas na passagem ou que proíba entendendo o filho e o pai na passagem como substantivos comuns. Esta interpretação também elimina inteiramente o problema cristológico da suposta ignorância do Filho.¹⁰ Jesus, que *seria* representado na passagem sob a figura do pai, sabe o dia e a hora do fim. A única questão que resta é saber se isso é o que Jesus tinha em mente quando Ele estava entregando o Discurso do Monte das Oliveiras.

A Solução Antropológica de Atanásio

Atanásio de Alexandria (373 d.C.) propôs ainda outra solução para o problema da suposta ignorância de Cristo. Para ele, Marcos 13:32 não prejudica a Onisciência consubstancial, mas simplesmente fala do conhecimento limitado de Cristo, *Sua* humanidade. Ele escreveu que Jesus fez:

“...esta [declaração] como aquelas outras declarações como homem por causa da carne. Pois isso, como antes, não é a deficiência da Palavra, mas da natureza humana, a propriedade é ignorar... Pois é próprio da Palavra saber o que foi nem ignorar o princípio nem o fim destes... Certamente quando diz no Evangelho sobre Si mesmo em Seu caráter humano: “*Pai, vem a hora, glorifica a Teu Filho*”, é claro que Ele sabe também a hora do fim de todas as coisas, como a Palavra, embora, como homem, Ele a ignore, pois a ignorância é própria para o homem... pois, desde que Ele foi feito homem, Ele não se envergonha, por causa da carne que é ignorante para *poder* dizer, ‘*eu não sei*’, Ele pode mostrar que sabe como Deus, Ele é apenas ignorante de acordo com a carne”.¹¹

Da mesma forma, Gregório de Nazianzus (390 d.C.) escreveu sobre Cristo que:

“...todos devem ver que Ele sabe como Deus, e não sabe como o homem... e é para entender a ignorância no sentido mais reverente, atribuindo-o à *Sua* Humanidade, e não à Divindade”.¹²

E mais tarde nesse século, Rufinus, o sírio (399 d.C.), amaldiçoa qualquer um que interpretar Marcos 13:32 “de acordo com a blasfêmia dos arianos, em vez de compreender que a passagem diz respeito à dispensação de Sua carne assumida”.¹³

A principal força da interpretação antropológica de Atanásio é que ela harmoniza-se com o Evangelho de Lucas, que atribui a Cristo um crescimento em sabedoria. Desde o *princípio* o escritor do Evangelho afirma que o Cristo-filho “*creceu em sabedoria e*

estatura” (Lucas 2:52), é *nisto* inferiu que Cristo era ignorante de certas coisas.

Outra força da solução antropológica é que, ao atribuir a ignorância à natureza humana de Cristo, ainda podemos reter a divindade plena de Cristo. Como *dizem* os Credos, a encarnação não é um intercâmbio de deidade para a humanidade, mas uma união de Divindade com a humanidade em uma só pessoa.¹⁴ Com a solução antropológica pode-se ter Divindade e verdadeira humanidade, com todas as suas propriedades intactas sem uma teoria de kenosis* em que o Filho perde o atributo divino da onisciência. As duas naturezas de Cristo com todas as propriedades podem ser mantidas.

No entanto, esta solução, que atribui ignorância à mente humana de Cristo, é também cercada de fraqueza. A principal fraqueza é a dificuldade de indicar a posição de forma que evita o erro dos nestorianos condenado no Concílio Ecumênico de Éfeso no ano 431 — *que foi* o de separar também grandemente as naturezas de Cristo. Na cristologia há duas naturezas, que une todas as propriedades da divindade e todas as propriedades da humanidade e engendra estas perguntas: quando a completa divindade e humanidade perfeita são unidas em uma pessoa, como são os atributos de cada natureza comunicados ou compartilhados por *ela*? Que efeito tem a unidade da pessoa de Cristo em cada natureza? Em resposta à estas perguntas os Eutíquios erroneamente misturaram as duas naturezas de Cristo de forma que o Cristo era uma pessoa, mas nem totalmente divina, nem totalmente humana. Os nestorianos articularam uma cristologia de duas naturezas que cometeu um erro no outro extremo. Ao atri-

Nota do tradutor:

* O termo "kenosis" vem da palavra grega para a doutrina do auto-esvaziamento de Cristo em sua encarnação. A kenosis foi uma auto-renúncia, não um esvaziamento de sua divindade e nem uma troca de divindade pela humanidade. Filipenses 2:7 nos diz que Jesus "esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo, tornando-se semelhante aos homens." Jesus não cessou de ser Deus durante o Seu ministério terreno. Entretanto, Ele deixou de lado a Sua glória celestial de uma relação face a face com Deus. Ele também deixou de lado a Sua autoridade independente. Durante o Seu ministério terreno, Cristo se submeteu completamente à vontade do Pai. (Fonte: <https://www.gotquestions.org/Portugues/kenosis.html>)

-buir certos atos à humanidade de Cristo e certos atos à Sua divindade, enfraqueceram a unidade de Sua Pessoa e foram acusados de criar duas pessoas, um Jesus humano e um Filho juntos através de habitação ou participação.¹⁵

Quando Atanásio e Gregório declararam a ignorância de Cristo, foi no contexto da polêmica da controvérsia Ariana. Mas quando teólogos como Theodore de Mopsuestia (428 d.C.), Theodoret de Cyrus (466 d.C.), e Leporius de Gaul (430 d.C.) afirmaram que Jesus era ignorante do dia e da hora de Seu retorno, eles foram acusados de nestorianismo. A razão para sua censura era que supostamente ensinaram que Jesus só poderia saber como *quando* a natureza divina se comunicaria a Ele em momentos específicos. Eles viram Jesus como recebendo conhecimento divino incrementalmente da Palavra, como se estes fossem morando no primeiro.¹⁶ Para seus oponentes isso implicava que Jesus não era o Deus-homem, mas apenas um homem que participa da divindade.

A posição ortodoxa, articulada em reação ao nestorianismo, foi que, da unidade das duas naturezas na encarnação, a mente humana do Senhor estava enriquecida com a plenitude do conhecimento divino. Por exemplo, Fulgêncio de Ruspe (533 d.C.) escreveu que por causa da união hipostática, a alma humana de Cristo possui “o pleno conhecimento da divindade infinita”, uma vez que a Escritura diz que foi dado o Espírito sem medida.¹⁷ Naquele mesmo século, o papa Vigílio escreveu contra os nestorianos sobre a suposta ignorância de Cristo do dia e da hora:

“Se alguém diz que aquele Jesus Cristo, que é ao mesmo tempo verdadeiro Filho de Deus e verdadeiro Filho do homem, não conheceu o Dia do Juízo Final e que Ele só poderia saber tanto quanto a divindade, morando NEle como em outro, revelado a Ele, *seja anátema*”.¹⁸

Assim, vendo Jesus como um homem ignorante, sabendo apenas tanto quanto a natureza divina permitiria que Ele soubesse *em* determinado tempo, foi julgado nos primeiros debates cristológicos como nestorianos. Ao invés de duas naturezas unidas em uma só

pessoa, insinuava um mero homem compartilhando a divindade. Anulou não somente a declaração de Paulo de que em Cristo estão “**todos** os tesouros da sabedoria e do conhecimento” (Colossenses 3:2), mas também as próprias palavras de Jesus *que diz*: “**Tudo** que o Pai tem é meu” (João 16:15). Além disso, os oponentes do nestorianismo argumentaram que se o Pai havia confiado ao **Filho do Homem** todos os detalhes do Juízo Final (João 5:22-27), incluindo o conhecimento dos pensamentos, palavras e ações de todos os seres humanos que viveram, certamente o conhecimento do tempo do julgamento apontado foi confiado a Ele.

Pouco depois da reação dos ortodoxos contra as ideias nestorianas sobre a ignorância de Cristo, uma seita chamada Agnotae surgiu dentro da comunidade Monofisita no Egito. Afirmando a ignorância em Cristo baseada em grande parte em Marcos 13:32, os Agnotae reuniram-se com reações similares a dos ortodoxos.¹⁹ No Ocidente, Gregório, o Grande (604 d.C.) respondeu dizendo:

“O unigênito, encarnado e feito para nós um homem perfeito, na natureza de Sua humanidade *sabia* o dia e a hora do julgamento, mas ainda era não da natureza de Sua humanidade que Ele sabia disso. O que então Ele sabia nela [Sua natureza humana] Ele não sabia disso, porque Deus, feito homem, conhecia o dia e a hora do julgamento pelo poder de Sua Deidade... O dia, então, e a hora do julgamento Ele sabe como Deus e homem, mas por esta razão, que Deus é o homem. É além disso uma coisa bastante evidente, que aquele que não é nestoriano não pode em qualquer sábio ser um Agnoite”.²⁰ [...]

João de Damasco (750 d.C.), representando a ortodoxia oriental, escreveu semelhantemente:

“É preciso saber que a Palavra assumiu a natureza ignorante e sujeita, mas obrigado à identidade da hipóstase e da união indissolúvel, a alma do Senhor foi enriquecida com o conhecimento das coisas por vir...”.²¹

Alguns teólogos contemporâneos como N. T. Wright acreditam que estes últimos anti-nestorianos, anti-Agnotae perderam de vista a

verdadeira humanidade do Senhor.²² Por outro lado, os teólogos que valorizam essas afirmações enfrentam o desafio de articular a verdadeira humanidade de Cristo - o fato de que Ele “*cresceu em sabedoria*” (Lucas 2:52) e “*obediência aprendida*” (Hebreus 5:8) - sem cair na prece nestoriana condenada que tem *em vista* a natureza humana de Cristo recebendo o conhecimento divino em incrementos. Isso não é tarefa fácil, mas pode ser feito. Como vimos, Atanásio e Gregório de Nazianzo afirmaram a solução antropológica de Marcos 13:32 antes da heresia nestoriana surgir, e Gregório, o Grande, e João de Damasco, articularam-no, ainda que de forma protegida, depois.²³

Opções Exegéticas de Fontes da Patrística

A solução antropológica para o problema da suposta ignorância de Cristo, defendida por Atanásio e outros na igreja primitiva, é provavelmente a mais popular hoje. Mas, a menos que seja articulada com muito cuidado, a explicação pode facilmente *entender que* a mente humana do Senhor recebeu conhecimento divino gradualmente, uma crença condenada como Nestorianismo pelos teólogos do século VI. Felizmente, a interpretação antropológica não foi a única solução que os primeiros intérpretes cristãos propuseram. Exegetas patrísticos ofereceram uma variedade de perspectivas em Marcos 13:32, da qual os pastores e teólogos podem coletar.

Focalizando as palavras gregas que podem ser traduzidas *como somente o Pai*, Basílio de Cesaréia ofereceu uma interpretação filológica. A frase “*nem o Filho, senão o Pai*”, argumentou, significava que nem mesmo o Filho teria conhecido o dia ou a hora, se não fosse por Sua substancial união com o Pai. Outros escritores patrísticos resolveram o problema da suposta ignorância de Cristo em Marcos 13:32, dizendo que Jesus estava usando uma figura de discurso. Agostinho de Hipona interpretou o *fato do Filho* não saber o dia ou o hora como *que* significando que o Filho não havia

revelado o tempo de Sua Segunda Vinda. Gregório de Tours, por outro lado, sustentou que o Filho e o Pai na passagem não se referem à Pessoas da Trindade, mas a igreja e Cristo. O “filho” ou igreja não sabe o tempo da Segunda Vinda, mas Cristo sob a figura do “Pai” na verdade sabe.

Conclusão

Estou plenamente convencido de que no dia em que a nossa fé se tornar como a do Filho que não conhece o dia e a hora, *o problema* será permanentemente resolvido. Mas para a igreja militante neste lado da glória, *que* trabalha diligentemente para entender a Palavra inspirada de Deus, os pais da igreja forneceram pelo menos quatro alternativas razoáveis.

Bibliografia

¹ An early draft of this article was delivered as a paper at the 55th Annual Meeting of the Evangelical Theological Society in Atlanta in November 2003.

² Some of the fathers used the passage to teach the folly of predicting the time of Christ’s Second Coming. See my *The Day and the Hour: Christianity’s Perennial Fascination with Predicting the End of the World* (Powder Springs, GA: American Vision, 2000), 26, 31, 40, 86, 88.

³ Arius of Alexandria, *Thalia*, fragments. In R. P. H. Hanson, *The Search for the Christian Doctrine of God: The Arian Controversy*, 318-381 (Edinburgh: T & T Clark, 1988), 107, 448, 453, 558; and Rowan Williams, *Arius: Heresy and Tradition* (London: Darton, Longman, and Todd, 1987), 100-3; and Robert C. Gregg and Dennis E. Groh, *Early Arianism—A View of Salvation* (Philadelphia: Fortress, 1981), 7-10; *Altercation Between Heraclianus and Germinius, Bishop of Sirmium*, PLS 1:347; Anonymous Arian, *Opus imperfectum in Matthaëum*, Homily 50 on Matt 24. In Franz Mali, *Das “Opus imperfectum in Matthaëum”* (Wien: Tyrolia, 1991), 299; and PG 56:921.

⁴ Basil of Caesarea, Letter 236 to Amphilocheus. FC 28:168; Homily Concerning the End of the World, preserved in Coptic in E. A. Wallis Budge, *Coptic Homilies in the Dialect of Upper Egypt* (London: Longmans, 1910), 249.

⁵ Euthymius Zigabenus in the twelfth century adopted this solution. Euthymius Zigabenus, *Commentary on Matthew*, On Matt 24:36: “But it is more fitting that it [Matt 24:36] be interpreted in this manner: Nor does the Son know unless the Father should clearly know. Since the Father indeed knows, certainly also the Son knows. ‘For I,’ He said, ‘and the Father are one’ (John 10:30).” PG 129:623. More contemporary, the Greek scholar and archbishop of Dublin, Richard Trench (d. 1886) (Cited in John Ankerberg and John Weldon, *One World: Biblical Prophecy and the New World Order* [Chicago: Moody, 1991], 127) and Sidney Collett (*All About the Bible* [New York: Fleming H. Revell, 1934]) held this view.

⁶ Basil, Letter 236. FC 28:167. Earlier in the letter (FC 28:165), Basil points out that the word “alone” is not always used in Scripture in such an absolute manner that it excludes every person. For Jesus also said, “No one is good but God alone” (Mark 10:18), but He did not thereby exclude Himself as good.

⁷ Augustine, *On Eighty-three Diverse Questions*, 60. Cited in Charles s. Kraszewski, trans., *The Gospel of Matthew with Patristic Commentaries. Studies in Bible and Early Christianity 40* (Lewiston, NY: Mellen, 1999), 355; *Annotations on the Psalms*, On Psalms 6 and 37. NPNF 8:15, 91; Sermon 97.1. Edmund Hill, trans., *The Works of Saint Augustine: A Translation for the 21st Century. Sermons II/4 (94A-147A) on the New*

Testament (Brooklyn, NY: New City, 1992), 36; On the Trinity, 1.12. FC 45:35.

⁸ Gregory of Tours, History of the Franks, Prologue. PL 71:162-3.

⁹ Isho'dad of Merv (c. 850), Commentary on Matthew, On Matt 24:36, also knew of this interpretation. Margaret Dunlop Gibson, ed. and trans., The Commentaries of Isho'dad of Merv, Vol. 1. Horae Semeticae 5 (Cambridge, England: University Press, 1911), 95. Isho'dad referred to a certain Timotheus as one who held this interpretation. He writes, "Timotheus says that our Lord does not here call Himself the Son, but believers, who are many times calls *sons*...and He calls Himself the Father; he says he is the Father of the world to come, and Him hath God as Father sealed; and Children, yet a little while I am with you; and Behold I and the children whom the Lord hath given Me. Therefore because the name of the Father falls on both the Father and the Son; on the Father, on the one hand, by nature, on the Son, on the other hand, by Providence; because of this, our Lord here used the equality of the name with His disciples; for so many times also, as in the parables, He uses the equality of the names..."

¹⁰ Because of these strengths, Gregory's interpretation received honorable mention in later biblical commentaries, such as those of Rhabanus Maurus (d. 856), Ralph of Laon (d. 1136), Alexander of Hales (d. 1245), and Thomas Aquinas (d. 1274). Rhabanus Maurus, Commentary on Matthew, On Matt 24:36. CCCM 174A:637; Ralph of Laon, Glossa Ordinaria, On Matt 24:36. PL 114:162; Alexander of Hales, Quaestiones Disputatae 'Antequam esset frater', Question 42: De Scientia Christi, 33. Bibliotheca Franciscana Scholastica 19-21 (Quaracchi: Typographia Collegii S. Bonaventurae, 1960), 724; Thomas Aquinas, Light of Faith: The Compendium of Theology (Manchester, NH: Sophia Institute Press, 1993), 320; Catena Aurea: Commentary on the Four Gospels Collected Out of the Works of the Father by St. Thomas Aquinas, Vol. 1: St. Matthew. John Henry Newman, trans. (London: Saint Austin, 1999), 833; Summa Theologica, Third Part, Question 10, Article 2. Robert M. Hutchins, ed., Great Books of the Western World 20: Thomas Aquinas: II (Chicago: Encyclopedia Britannica, 1952), 769.

¹¹ Athanasius, Four Discourses Against the Arians, Discourse 3.43. NPNF, 2nd series, 4:417.

12 Gregory of Nazianzus, Oration 30.15. NPNF, 2nd series, 7:315.

13 Rufinus the Syrian, *Libellus de Fide*, 4. E. Schwartz, ed., *Acta Conciliorum Oecumenicorum*, I.5 (Berlin: Walter de Gruyter & Co., 1924), 4-5.

14 See especially the definition of the Council of Chalcedon (451). John H. Leith, ed., *Creeds of the Churches*, Rev. ed. (Atlanta: John Knox, 1973), 36.

15 Cyril of Alexandria led the battle for the condemnation of Nestorius at the Council of Ephesus in 431. The fourth of his twelve anathemas reads, "If anyone takes the words found in the writings of the Gospels and of the apostles, whether they are said of Christ by the saints or of Christ by himself, and distributes them between two persons or hypostases, attributing some of them as to a man, properly understood in contrast to the Word of God, and the rest to the Word of God the Father exclusively, on the grounds that they are proper to God alone: let him be anathema." Cited in John F. Clarkson, John H. Edwards, William J. Kelly, and John J. Welch, trans., *The Church Teaches* (St. Louis: Herder, 1955), 168. On Nestorian views of the joining of Christ's two natures, see the anathemas of the Council of Constantinople of 553 in J. Neuner and J. Dupuis, eds., *The Christian Faith in the Doctrinal Documents of the Catholic Church*, Revised ed. (New York: Alba House, 1982), 159.

16 On Theodore and Theodoret's views, see NPNF, 2nd series, 4:417, note 10. In a tract correcting his errors, Leporius anathematized his former opinion that "our Lord Jesus Christ was ignorant according to His humanity." Leporius, *Libellus Emendationis*, 10. PL 31:1229.

17 Fulgentius of Ruspe, Letter 14 to Ferrandus, 29-30. FC 95:539-41.

18 Pope Vigilius, *Constitutum I*. Cited in Neuner and Dupuis, *Christian Faith*, 157.

19 The leader of the Agnotae sect was a deacon at Alexandria named Themistius, who also called himself Calonymus. Theodore of Alexandria wrote *Against Themistius* answering his four arguments intended to prove ignorance in Christ; and Sophronius, patriarch of Jerusalem, pronounced an anathema against Themistius. See Photius *Bibliotheca*, 108. http://www.tertullian.org/fathers/photius_03bibliotheca.htm and NPNF, 2nd series, 13:45, note 7.

²⁰ Gregory the Great, Epistle 39 to Eulogius. NPNF, 2nd series, 13:48.

²¹ Cited in John Meyendorff, *Christ in Eastern Christian Thought* (Washington, D.C.: Corpus, 1969), 168-9.

²² N. T. Wright, *The Challenge of Jesus* (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1999), 123-4.

²³ In contemporary evangelicalism, Millard Erickson (*The Word Became Flesh* [Grand Rapids: Baker, 1991], 555-60) and Wayne Grudem (*Systematic Theology* [Grand Rapids: Zondervan, 1994], 558-61) hold to a form of the anthropological interpretation. They say that while all knowledge resided in Christ by virtue of His divinity, He was not “conscious” of all that He knew. For a survey of evangelical views, Ronald T. Clutter, “Omniscient But Not Knowing: A Selective Historical Survey in Interpretation,” paper presented at the 55th Annual Meeting of the Evangelical Theological Society, Atlanta, November 2003.

Obras importantes para pesquisa...

A igreja primitiva e o fim do mundo

- **Uma refutação da ideia de que a igreja primitiva desconhecia o Preterismo** -

César Francisco Raymundo, 35 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista027.html

A Segunda Vinda de Cristo: Sem Ficção, Sem Fantasia!

Compilação de César Francisco Raymundo, 172 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista007.htm

A Ressurreição de Jesus Cristo

- **é Ficção ou Fato Histórico Irrefutável?** -

César Francisco Raymundo, 35 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista011.htm

A Escatologia pode ser Verde?

Rev. Dr. Ernest C. Lucas, 29 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista013.htm

A Grande Tribulação

David Chilton, 148 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_A%20Grande%20Tribulacao_David_Chilton.htm

A Verdade sobre o Preterismo Parcial

César Francisco Raymundo, 77 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista015.htm

A Ilusão Pré-Milenista

- **O Quiliasmo analisado à luz das Escrituras** -

Brian Schwertley, 76 páginas.

Link:

Comentário Preterista sobre o Apocalipse

- **Volume Único** -

César Francisco Raymundo, 533 páginas.

Link:

www.revistacrista.org/literatura_Comentario_Preterista_sobre_o_Apocalipse_Volume_Unico.html

Cristo Desceu ao Inferno?

Heber Carlos de Campos, 46 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista016.htm

Crítica do Preterismo Completo

Philip G. Kaiser, 27 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Critica%20do%20Preterismo%20Completo.htm

Heresias do Preterismo Completo

César Francisco Raymundo, 56 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista014.htm

Dispensacionalismo

Desmascarando o Dogma Dispensacionalista

Hank Hanegraaff, 49 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista020.htm

Uma Refutação Bíblica ao Dispensacionalismo

Arthur W. Pink, 42 páginas.

Link:

www.revistacrista.org/literatura_Dispensacionalismo_Arthur_Pink.htm

Dispensacionalismo (Lista de Passagens da Escritura)

Nathan Pitchford, 29 páginas.

Link:

www.revistacrista.org/literatura_Dispensacionalismo_Lista%20de%20Passagem.htm

JESUS – A Chave Hermenêutica das Escrituras

Eric Brito Cunha, 46 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Jesus_a_Chave_Hermeneutica.htm

Léxico do Grego do Novo Testamento

Edward Robinson, 1014 páginas.

Tradução: Paulo Sérgio Gomes.

Edição em língua portuguesa © 2012

por Casa Publicadora das Assembleias de Deus.

Todos os direitos reservados.

Mateus 24 e a Vinda de Cristo

César Francisco Raymundo, 110 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista023.html

Mateus 25 e o grande Julgamento

César Francisco Raymundo, 30 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista024.html

O Padrão Éden

Jair de Almeida, 31 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista022.html

O Universo em Colapso na Bíblia

– eventos literais ou metáfora poderosa?

Brian Godawa, 29 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista017.htm

Pós-Milenarismo PARA LEIGOS

Kenneth L. Gentry Jr., 92 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_pos_milenarismo_para_leigos.htm

Predições de Cristo

Hermes C. Fernandes

Link: www.revistacrista.org/Revista_Dezembro_de_2011.htm

Refutando o Preterismo Completo

César Francisco Raymundo, 112 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista010.htm

Sem Arrebatamento Secreto

– Um guia otimista para o fim do mundo –

Jonathan Welton, 223 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Sem%20Arrebatamento%20Secreto.htm

70 Semanas de Daniel

Kenneth L. Gentry, Jr., 35 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista012.htm